

Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Os procuradores romanos

(4 antes da e. v.—70 da e. v.)

1 — A Judeia reduzida a província romana (7 e. v.) — Por seu testamento, Herodes tinha repartido o país pelos seus quatro filhos. Tinha designado *Archelaû* para o trono da Judeia; mas ao fim de alguns anos — êle tinha governado a Judeia desde o ano 4 antes da era vulgar até o ano 70 da era vulgar, o imperador Augusto o depôs e o exilou para Viena nas Gálias. A Judeia foi reduzida ao estado de província romana e administrada por funcionários romanos, chamados *procuradores*.

2 — O povo explorado pelos procuradores — Mas êstes procuradores, que tinham reputado velar pela tranqüilidade e boa ordem, abusaram das suas funções para imprimir o povo e feri-lo nos seus sentimentos nacionais e religiosos. Arrogaram-se o direito de nomear o grande sacerdote e de o depôr segundo a sua vontade. Não era ao mais digno que conferiam o sacerdócio, mas àquêlê que lhe oferecia mais quantidade de dinheiro e se declarava pronto a servir os seus interesses. O direito de pronunciar a pena de morte foi tirado ao Sanhédrin para ser daí em diante atribuído exclusivamente ao procurador. Havia também o pêso esmagador dos impostos para desesperar o povo. *Coponio*, o primeiro procurador enviado para a Judeia, aí tinha introduzido o *senso* romano, isto é, que êle tinha recenseado a população para a submeter à capitação (imposto por cabeça de habitante). Como todos os funcionários, do

recebedor ao procudarar, não procuravam senão enriquecer, êles aumentavam cada vez mais a taxa dos impostos e direitos alfandegários.

3 — O procurador Pôncio Pilatos — O procurador que humilhou mais a nação judaica foi sem dúvida Pôncio Pilatos, que governava a Judeia na época do nascimento do cristianismo. Feriu os judeus nos seus sentimentos mais sagrados. Êle pretendeu-os habitar a prestar culto às imagens do imperador e fêz entrar em Jerusalém, durante a noite, as insignas romanas, que eram ornados com tais emblemas. Uma deputação do povo se dirigiu à Cezareia junto do procurador, para lhe suplicar que fizesse sair da cidade estas imagens idólatras. Durante cinco dias, os judeus se mantiveram em vão diante do seu palácio, sem obterem entrada. Ao sexto dia Pôncio Pilatos fê-los cercar pelos seus soldados e ameaçou-os de os mandar massacrar, se não cessavam com os seus pedidos. Os judeus lançaram-se por terra e estenderam o pescoço, declarando que preferiam mais morrer de que suportar a profanação da cidade santa. Diante duma tal firmeza, Pôncio Pilatos abrandou e mandou tirar as insignias. — Mas em breve provocou uma nova irritação. Sobre o pretexto de construir um aqueduto que devia conduzir a Jerusalém as águas duma nascente afastada, êle lançou mão ao tesouro do templo. Como êle tinha vindo pessoalmente a Jerusalém, a multidão o

O reinado de Agripa

(41 a 44 da e. v.)

1 — Agripa intercede junto de Calígula

— No reinado de Agripa, neto de Herodes e da infeliz Mariana, a Judeia gozou pela última vez dum período de calma e de bondade. Agripa devia o seu trono ao imperador Calígula, do qual tinha sabido conquistar-lhe as graças. Como êste tirano tinha ordenado de colocar as suas estátuas nas sinagogas e no santuário mesmo de Jerusalém, com a ordem de adorar o imperador como uma divindade, Agripa usou da grande influência que tinha sobre êle para mandar acabar êstes vexames. (Os judeus de Alexandria tinham também enviado a Roma uma deputação para pedir a Calígula de pôr têrmo às perseguições. Esta deputação tinha à sua frente o célebre filósofo *Philon*. Calígula recebeu os embaixadores com rudeza. «Sois, pois, vós êstes contempladores dos deuses, que não me querem reconhecer como tal, preferindo divinizar um ser sem nome, enquanto que todos me adoram». Êle acrescentou: «Esta gente parece-me ainda mais tôla do que má, negando a minha divindade!»). Ainda não tinha conseguido a resolução do assunto quando Calígula foi assassinado. Os judeus, que tinham escapado a um grande perigo, instituíram, para comemorar a data da sua morte, uma festa solene.

2 — Agripa, rei piedoso e modesto —

Cláudio, sucessor de Calígula, anulou a ordem do seu precursor e confirmou Agripa como rei da Palestina. Contrariamente ao seu avô Herodes, Agripa mostrou-se bondoso e modesto e observava as leis religiosas. Dizia-se que êle tinha tomado o

encargo de reparar as faltas do seu antepassado. Doou ao templo uma corrente de ouro que Calígula lhe tinha oferecido em sinal de amizade. Tornou a dar ao Sanhedrin os seus direitos e não confiou o sacerdotício senão a homens piedosos. Na festa das Primícias, êle misturava-se sem nenhuma grandeza, na multidão que se dirigia para o Templo, levando êle próprio, como um simples particular, a sua cesta de frutos ao santuário.

— Se êle encontrava no seu caminho um cortejo nupcial, êle encostava o seu carro para o deixar passar livremente. Também foi muito amado pelo seu povo. Um dia que êle lia, numa assembléia pública, a passagem do Deuteronomio (XVI, 15), que diz: «É do meio dos teus irmãos que tu deves escolher um rei»; a idéia da sua origem semi-idónea fêz-lhe derramar lágrimas. Mas de todos os lados lhe gritaram: «Tu és nosso irmão, tu és nosso irmão!»

3 — Política de Agripa. Sua morte —

Agripa, lisongeando Roma, sonhava, em tornar a Judeia cada vez mais independente. Foi para êsse fim que êle cercou o arrabalde de *Bézetha*, ao norte da cidade, de muralhas altas. Êle quis também levantar fortificação à volta da cidade; mas os romanos, tomando conhecimento dos seus desígnios, proibiram-lhe estas construções. — A tenacidade de Agripa teria sem dúvida assegurado à Judeia a segurança para futuro, se a morte não viesse surpreendê-lo na idade de 54 anos apenas.



A revolta contra Roma

1 — Período de anarquia. — O reinado de Agripa tinha sido como um radioso pôr do Sol precedendo uma noite sombria. Após a morte dêste rei, a Palestina foi de novo governada por procuradores, dos quais a maior parte, exercendo as suas funções com crueldade e arbitrariedade, tinham avidez de sangue e de ouro. A mais terrível anarquia reinou então na Judeia. A violência e a imoralidade sobretudo nas classes ricas, aumentava de dia a dia. As famílias pontificais eram corruptas. Os assassinatos eram muito freqüentes. Bandos armados

cercava com imprecações. Pilatos não se atreveu a mandar marchar as suas legiões contra o povo, mas enviou soldados disfarçados em judeus, que se misturaram na multidão e mataram um grande número de homens. Os judeus apresentaram finalmente, queixas contra as crueldades de Pilatos; e aquêle, obrigado a ir a Roma para se justificar, foi revogado.

de «*Sicários*», (assim designados por um pequeno punhal que usavam estes homens escondido nos seus vestidos) percorriam o país; estes Sicários tinham votado um ódio mortal aos romanos e aos seus partidários; mas esquecendo dentro em pouco que eles não se tinham armado senão pela causa da liberdade, eles emprestavam os seus braços a qualquer que os pagava e espalharam o terror na população passiva. Falsos profetas e falsos messias agitavam o povo e prometiam a libertação do jugo romano, enquanto que os «*Zeladores*» — partido dos patriotas — levaram à revolta e constituíram guerrilhas, que trabalharam mais tarde com tôdas as suas fôrças para libertar a Judeia.

2 — *Senius Florus* leva o povo ao desespero. — O último procurador, *Senius Florus* (64 a 66 da e. v.) mostrou-se tão cúbido e tão sanguinário que os judeus tornaram-se dia para dia mais desejosos de quebrar o jugo de Roma. Florus, por seu lado, fêz tudo por levar o povo para a insurreição. Ganho à fôrça de dinheiro, permitiu aos gregos de *Cesareia* de se lançar sobre os judeus desta cidade e de massacrar um grande número d'elles (66 da e. v.). Não contente com esta acção de barbaridade, que emocionou tôda a população de *Jerusalém*, êle tentou ainda de pilhar o tesouro do Templo e provocou assim em *Jerusalém* um tumulto, no decorrer do qual êle fêz massacrar mais de 3.000 pessoas. Mas no dia seguinte o povo tinha-se organizado, e uma imponente tropa se reuniu na cidade alta para proteger o santuário, prestes aos últimos sacrifícios. Vendo a atitude resoluta do povo, Florus perdeu a coragem e retirou as suas côrtes de *Jerusalém*.

3 — *Os partidos*. — Logo que Florus partiu, os judeus fizeram reuniões. A população dividiu-se em dois partidos, o partido da revolução e o da paz. O primeiro — os *Zeladores* — compunha-se sobretudo de jovens que queriam, com perigo de vida, acabar com a tirania romana e reconquistar a liberdade perdida. Comprometeram-se por um juramento solene, antes morrerem do que renderem-se. O seu chefe era *Eléazar ben Hanania*. Ao partido da paz pertenciam os *Sábios*, depois os notáveis com poderes de Roma e os ricos que receavam pelos seus bens.

4 — *Insurreição dos Zeladores*. — O chefe dos *Zeladores* procurou provocar a rutura com Roma. Mandou cessar de fazer sacrificios por o imperador, acto decisivo da insurreição. O partido moderado, que não se sentia com fôrças de sustentar luta contra Roma, tentou de conter a revolta. Os dois partidos lançaram-se em combate no recinto da cidade; os *Zeladores* triunfaram. Em todo o país trava-se então uma luta sem piedade entre judeus e romanos, entre judeus e pagãos. Ela estendeu-se mesmo até *Alexandria*, onde, se diz que 50.000 judeus morreram num massacre. — *Cestius Gallus*, governador da *Síria*, recebeu ordem de marchar contra a *Judeia* e de esmagar os rebeldes. Êle avançou contra *Jerusalém* com 30.000 homens, mas os *Zeladores* atacaram o seu exército com uma tal impetuosidade que lhe infligiram perdas consideráveis. *Certius*, obrigado a retirar-se, abandonou nas mãos dos *Zeladores* as suas águias, o seu tesouro militar, armas e engenhos de cerco. Os vencedores reentraram em *Jerusalém* cantando hinos de triunfo. A paz entre os judeus e os romanos tornava-se desde então impossível. Os próprios moderados tiveram que se juntar aos patriotas e preparar-se para uma luta encarniçada, para salvar a pátria ou para achar combatendo, uma morte gloriosa.

A guerra com Roma

(67 a 70 da e. v.)

1 — *Preparativos dos judeus* — Uma assembléia nacional, convocada no átrio do Templo, nomeou *José, Ben-Sorion*, governador de *Jerusalém*, com missão de dirigir os trabalhos de fortificação. O pôsto mais considerável, o de governador da *Galileia*, foi confiado a *José Ben-Matthia*, (mais conhecido pelo seu nome romano de *Flavius Josephus*). — A *Galileia* teve um outro defensor, *João de Siscala*, homem inteligente e sincero, chefe dos patriotas ardentes, que depressa desmacarou a suplicidade de *Josephus*. Aquêlê contrariava a actividade dos patriotas em vez de os encorajar; João o odiava e o denunciou ao *Sanhédrin* como

suspeito. Mas a influência de Josephe era tal que, apesar das graves acusações que pesavam sobre êle, deixaram-no nas suas funções), que, no seu fóro íntimo, sympathizava com os romanos. O grande Sanhedrin tinha então à sua frente um homem enérgico, *Semeão Ben-Gamliel*, que, sem ser zelador fanático, favorecia com tôdas as suas fôrças os preparativos da guerra eminente.—Na capital reinou então uma febre patriótica. Por tôda a parte forjavam-se armas, fabricavam-se máquinas de guerra. As muralhas eram fortificadas e postas em estado de defesa; a juventude exercitava-se no manejo das armas. Em tôda a Judeia os patriotas preparavam-se para uma luta que devia ser formidável.

2—**Conquista da Galileia pelos romanos**—Mas os romanos não ficavam inactivos. O imperador Nero enviou à Judeia o melhor dos seus generais, Flávio Vespasiano, com um exército escolhido, composto de 60.000 homens. Vespasiano avançou primeiramente para as fortalezas do Norte da Galileia, especialmente para Jotapata. Êle fêz levantar em frente desta cidade sessenta máquinas de cêrco, que lançavam sem interrupção dardos, pedras e matérias inflamáveis. Os sitiados defenderam-se com o mais profundo desprêso pela morte, repelindo vários assaltos, destruindo em muitas sortidas os trabalhos dos sitiantes, fazendo sortidas hábeis e muitas vezes

felizes. Após mais de quarenta dias de cêrco a cidade foi tomada em consequência da traição dum desertor, que indicou aos inimigos um pôsto fracamente defendido. Durante a noite os romanos penetraram na cidade, surpreenderam os guerreiros extenuados e os massacraram até ao último; 40.000 homens morreram. José se escondeu cobardemente numa cisterna; depois o perigo passado, rendeu-se aos romanos. Vespasiano tratou-o com muita atenção e encheu-o de presentes; porque José na realidade não tinha sido um inimigo dos romanos.—Durante o resto da guerra, êle seguiu o exército romano como espectador, notando todos os acontecimentos. Depois da guerra, viveu vinte-e-cinco anos em Roma; foi aí que escreveu em língua grega a sua célebre "*História da guerra dos judeus*" assim como outras obras, que continuam actualmente a ser as fontes históricas principais desta época.

3—**Submissão da Samaria e da Pereia**—Depois duma luta encarniçada de três anos, a Samaria e a Pereia caíram também nas mãos do vencedor. Êstes países não eram mais que um deserto. Vespasiano dirigia-se para Jerusalém, quando soube que Nero tinha sido assassinado e que o exército do Oriente o tinha proclamado imperador. Êle regressou então a Roma, deixando a seu filho Tito o cuidado de conquistar Jerusalém.

Destruição do Templo de Jerusalém e da cidade santa

1—**Situação da capital**—Jerusalém tinha sido o ponto de reunião de todos os fugitivos da Galileia. João de Giscala, que tinha conseguido escapar-se, tinha levado consigo vários milhares de partidários. A cidade estava poderosamente fortificada, e os seus defensores, cujo número engrossava dia a dia, consideravam-se invencíveis. Podia-se avaliar a população de Jerusalém nesse tempo em 600.000 almas, sem contar êstes que tinham vindo de fora. A cidade, largamente aprovisionada, podia sustentar um cêrco de vários anos; ela poderia obter dos romanos uma paz honrosa, se as lutas intestinas não tivessem quebrado a sua fôrça de resistência.

2—**A luta de partidos e suas consequências**—Os cercados estavam com efeito, divididos em dois campos opostos: o partido da paz, que, para salvar o Templo, estava disposto à submissão, e o partido da guerra, que exigia a luta, custasse o que custasse. Mas para cúmulo de desgraça, êste partido guerreiro estava êle próprio dividido em três partidos hóstis que travavam entre si lutas sangrentas. Foi somente quando Tito concentrou um exército de 80.000 homens à volta da cidade que êstes partidos chegaram a um certo acôrdo. Mas já o mal era irreparável; porque durante estas lutas fratricidas e vergonhosas, os celeiros de trigo tinham-se incen-

diado. Os romanos tiveram como grande
 ainda, a fome.

3 — A última luta — A luta suprema se
 trava então. Os cercados fizeram sortidas
 audaciosas para impedir os trabalhos de
 cerco e para destruir as máquinas de guerra
 dirigidas contra a cidade. Eles lançaram
 o terror e a desorganização entre as legiões
 romanas. Não eram somente os zeladores,
 mas todos os que podiam pegar numa arma,
 que tomavam parte nos combates; as mulhe-
 res mesmo demonstraram, tanto como os
 homens, um espantoso desprêso pela morte;
 elas lançavam sobre a cabeça dos assaltantes
 azeite a ferver. Mas tôda esta coragem
 heróica foi em breve tornada inútil com a
 aparição da fome. As provisões esgota-
 ram-se e a miséria torna-se tão grande que se
 disputavam a alimentação mais repugnante.
 Assim viu-se a rica Marta, viúva do grande
 sacerdote Jesué ben-Gamala, que diz-se,
 fazia outrora estender tapetes para ir da sua
 morada ao Templo, apanhava nas ruas uma
 ignóbil alimentação para satisfazer a sua
 fome devoradora. Uma mãe, impelida por
 a fome até à loucura, devorou o seu pró-
 prio filho. — E além disso, os cadáveres
 amontoados na cidade geraram a peste que
 dizimou a população. Não foi preciso mais
 para quebrar a fôrça destes cercados o
 heroísmo incomparável.

4 — Tomada da cidade e do Templo —
 No dia 7 de Jyar do ano 70, os defensores
 foram obrigados a abandonar os muros
 exteriores. No dia 17 Tamuz, sob as
 pancadas repetidas das erietes, os muros do
 segundo recinto se derrocaram. Foi nesta
 mesma data que o sacrificio cotidiano cessou,
 por falta de vítimas. No comêço do mês
 de Ab, os romanos afastaram-se da parte
 baixa da cidade. Eles tentaram então atacar
 a colina do Templo, poderosamente fortifi-
 cada; mas todos os seus assaltos foram
 repellidos. Nos dias 9 e 10 de Ab, os
 sitiados fizeram sortidas desesperadas, mas
 eles foram repellidos e perseguidos até ao
 local do Templo. Tito tinha, diz-se, dado
 ordem de conservar o santuário. Mas du-
 rante a perseguição, um soldado romano
 pegou num tição inflamado e atiron-o por
 uma janela, para o interior do edificio.
 A madeira das galerias incendiou-se; o
 incêndio propagou-se rapidamente e pro-
 jectou em pouco as suas chamas para o céu.
 A vista disto, os resolutos recuaram, desen-

corajados. Tôda a resistência tinha cessado.
 Tito acorreu e ordenou que apagassem o
 fogo, mas a sua voz não foi ouvida. Os sol-
 dados romanos precipitaram-se com fúria
 para o interior do Templo, pilhando os
 tesouros e massacrando os defensores.
 Um grande número destes se precipitaram
 nas chamas, não querendo sobreviver à
 ruína do santuário. Vários milhares de
 homens, de mulheres e de crianças que
 tinham ficado debaixo dos pórticos do sul,
 foram degolados. O Templo ardeu com-
 pletamente; apenas alguns destroços do
 muro ocidental subsistem ainda nos nossos
 dias. Numerosos sacerdotes tinham sido
 feitos prisioneiros; Tito os fêz cruelmente
 massacrar, dizendo: «Os sacerdotes devem
 perecer com o seu Templo». As legiões
 vitoriosas ofereceram, sobre o próprio local
 do santuário, sacrificios às suas divindades,
 e ali desfraldaram os seus estandartes. —
 O segundo Templo foi assim destruído,
 como o tinha sido o primeiro, no dia 9
 de Ab. — Após o incêndio da Casa santa,
 Tito mandou pegar o fogo a tôda a parte
 da cidade que estava em seu poder. Depois
 apoderou-se da cidade alta, onde se tinham
 intrincheirado os últimos zeladores. Os ro-
 manos massacraram todos estes heróis,
 excepto os seus chefes João de Giscala e
 Simeão bar-Giora, que foram feitos pri-
 sioneiros. A cidade alta, por sua vez, foi
 incendiada; os muros foram arrazados, à
 excepção de três muros, que Tito deixou de
 pé como monumentos da sua memorável
 vitória. O cerco de Jerusalém tinha custado
 a vida a mais dum milhão de vítimas
 judaicas.

5 — Sofrimentos dos cativos — O nú-
 mero de prisioneiros feitos durante esta
 guerra por os romanos ultrapassava 900.000.
 Todos os que foram acusados de terem
 tomado parte na insurreição foram crucifi-
 cados. Entre os outros, Tito escolheu os
 mais belos para figurarem no triunfo que o
 esperava. O resto foi enviado para o Egipto,
 para al trabalhar nas minas de chumbo, ou
 repartidos pelas provincias para os jogos do
 circo, onde eram obrigados a lutar contra
 animais ferozes, ou a lutar entre si, até à
 morte. Foi assim que pereceram 2.500
 jovens judeus na ocasião da festa do ani-
 versário de Domiciano, irmão de Tito.
 — Felizes, os que eram vendidos como
 escravos; pelo menos lhes restava a espe-

rança de ser um dia resgatados por seus irmãos.

6 — Triunfo de Tito — Tito obteve em Roma um triunfo pomposo. Os chefes dos judeus, Simeão bar-Giora e João de Giscala, figuraram no cortejo, levavam diante deles os versos do Templo, o candeeiro de ouro, a mesa de ouro e um rôlo de Lei. Bar-Giora foi puxado pela extremidade duma corda através das ruas e precipitado em seguida do alto da rocha Tarpeia. João de Giscala morreu no seu calabouço. Roma ficou na alegria. — Para perpetuar a recordação desta vitória conseguida sobre um inimigo indomável, cunharam-se moedas trazendo a legenda: *«Judaca capta»* (A Judeia cativa). Depois construíram em Roma, em honra de Tito, um arco de triunfo, que subsiste ainda, e onde figuram, sobre um baixo relêvo, os vasos, o candeeiro e a mesa do Templo de Jerusalém.

7 — Sorte da Palestina. Dispersão dos judeus — Vespasiano, declarou a Judeia sua propriedade privada, partilhando uma parte com os seus soldados e mandou vender o resto a quem mais oferecesse. Assim os judeus tornaram-se estrangeiros na sua própria pátria. Só lhes restava um só bem, que não tinham podido lhes roubar: *A fé em Deus único e na sua santa Lei.* Ricos dêste tesouro sem preço, os judeus se dispersaram pelos quatro cantos da terra, suportando com uma sublime resignação a sua ruína nacional e tendo uma inabalável confiança nestas divinas palavras:

«E contudo, mesmo então, quando êles se encontrarem relegados, nos países dos seus inimigos, eu não ositerei desdenhado, nem repellidos a ponto de os aniquillar, de romper a minha aliança com êles; porque eu sou o Eterno, o seu Deus.»

(Livítico, XXVI, 44).

Eis o que diz o Senhor: «Apesar de ter suscitado a êste povo tôda esta grande desgraça, eu lhe suscitarei tôda a felicidade que lhe anunciarei.»

(Jeremias, XXXII, 42).

«Israel fica o povo santo.»

(Êxodo, XIX, 6).

«Israel fica o servo de Deus.»

(Isaías, XLI, 9).

O govêrno Norte-Americano nunca deu a sua aprovação ao Livro Branco sobre a Palestina

Washington, 10 — Os Rabis Estêvão Wise e Abraão Silver, representando o movimento sionista da Palestina, declararam ontem que o Presidente Roosevelt os autorizara a prestar a seguinte informação: *«O govêrno americano nunca deu a sua aprovação ao Livro Branco de 1939. O Presidente alegra-se por as portas da Palestina se encontrarem hoje abertas aos refugiados judeus. Quando se tomarem as futuras decisões far-se-á justiça completa. O povo americano teve sempre a mais profunda simpatia — e hoje mais do que nunca — em vista da situação em que se encontram centenas de milhares de judeus refugiados e sem lar.»* — *Reuter.*

De *O Primeiro de Janeiro*, de 11 de Março de 1944.

NECROLOGIA

Por notícias de Londres chegou ao nosso conhecimento a triste notícia de que Deus Bendito havia chamado à sua divina presença as boas almas dos que na vida terrena foram:

Sir Elly Kadoorie

K. B. E., Comendador da Legião de Honra, Presidente do Portuguese Maranos Committee, Presidente Honorário da Comunidade Israelita do Pôrto, grande filantropo e grande bemfeitor da Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm, do Pôrto.

Dr. Alfred Klec

Antigo Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Berlim, membro do Portuguese Maranos Committee de Londres. Veio expressamente ao Pôrto para assistir à inauguração solene da Sinagoga Kadoorie em Janeiro de 1938.

Que as suas almas sejam unidas ao feixe da vida eterna e os seus corpos repousem em paz e glória. E digamos como Job: *«Deus os deu, Deus os levou, louvado seja Deus.»*

— Na Catedral Judaica do Norte de Portugal (Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm), foram rezadas solenemente as Kabbot por êstes ilustres extintos, sendo oficiante o Moreh Marano Sr. Samuel Rodrigues.

Publicações recebidas

The Jewish National Home, edited by Paul Goodman — London — J. M. Dent & Sons, Ltd. — É mais um trabalho do infatigável judeu britânico e ilustre publicista o nosso excelente amigo Paul Goodman. Este livro começa por um prefácio do Visconde Cecil of Chelwood, uma introdução pelo Dr. Chaim Weizman, duas cartas do Rabi-mor Reverendíssimo Dr. J. H. Herz e uma nota do Editor.

O texto do livro é constituído pelos seguintes artigos:

I. The Balfour Declaration

Its Origins, por Blanche E. C. Dugdale; *The Angle-Jewish Background*, por Paul Goodman; *Its Significance in the U. S. A.*, por Dr. Stephen S. Wise; 1917-31, por Felix Frankfurter; *The Last Decad*, por Historicus.

II. The Response

World Jewry's Reaction, por J. Hodess; *British Jewry's Reaction*, por Janus Cohen; *Zionism in Parliament*, por Barnett Janner; *Zionism in British Politics*, por Dr. S. Levenberg; *Zionism and British Public Opinion*, por A. L. Easterman.

III. The Jewish National Home

Palestine: Its Central Place in Jewish Life and Thought, por Rev. Dr. D. de Sola Pool; *The Historical Antecedentes*, por Dr. Franz Klobner; *The Rebirth of Hebrew*, por Leon Siuon, C. B.; *The Hebrew University of Jerusalem*, por Prof. Norman Bentwich; *Jewish Women in Palestine*, por Romana Goodman; *Jewish Progress in Palestine*, por Israel Cohen; *Halutzith*, por Anita Engle; *The routh Aliyah*, por Eva Michaelis-Stern; *Arabs and Jews in Palestine*, por Ephraim Breide; *The jewish National Fund*, por Prof. Samson Wright; *Palestine Land Transfer Regulations*.

IV. Zionist Policy

The Balfour Declation: Its Political Significanco, por Prof. S. Bredetsky; *The Jews*

Notícias da América

O venerando Rab Fajbusz Szubem Dembinski, guia espiritual da congregação de judeus Hássidim, que durante a sua estadia no Pôrto deixou a melhor impressão, não só pela sua bondade, como pelo seu alto sentimento religioso, escreveu ao digno 1.º secretário da nossa Comunidade, não só referindo-se às atenções aqui recebidas, mas também comunicando que se encontra em Havana (Cuba), onde não só pelos judeus, mas também pela população local tem sido respeitosa e corinhosamente acolhido.

— Fomos informados que o Sr. Hans Warmbrunn por estudos feitos em escolas dos Estados-Unidos obteve a classificação de engenheiro de metalurgia e está empregado na melhor fundição de estanho do mundo.

— Também fomos informado de que é pai duma terceira filha de nome Arlene Joan, uma pequena menina americana que sua espôsa deu à luz no dia 5 de Julho do corrente ano.

MAZAL TOB.

of Palestine and the Secend World War; The Zionist Political Programme.

Appendix

The Mandate of the League of Nations for Palestine and Trans-Jordan.

Maps

Map of Palestine, Shwing the Zenes of Settlement referred to in te Regulations; Map showing Palestine and the adjacent Arab lands.

O livro contém também os retratos dos Lord Balfour, Dr. Chaim Weisman, Dr. Nahum Suokolof, etc..

Calendário Israelita

Ano de 5705

(Tem 12 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 18 de Setembro de 1944.
- 2.^a lua (Heshvan) — 30 dias
dia 1 — 18 de Outubro de 1944.
- 3.^a lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 17 de Novembro de 1944.
- 4.^a lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 17 de Dezembro de 1944.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 15 de Janeiro de 1945.
- 6.^a lua (Adar) — 29 dias
dia 1 — 14 de Fevereiro de 1945.
- 7.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 15 de Março de 1945.
- 8.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 14 de Abril de 1945.
- 9.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 13 de Maio de 1945.
- 10.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 12 de Junho de 1945.
- 11.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 11 de Julho de 1945.
- 12.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 10 de Agosto de 1945.

(Este ano tem 355 dias)

Dias festivos no ano de 5705

- Rosh Ashana* — 1.^o dia — 18 de Setembro de 1944.
Rosh Ashana — 2.^o dia — 19 de Setembro de 1944.
Kipur — 27 de Setembro de 1944.
Sucot — 1.^o dia — 2 de Outubro de 1944.
Sucot — 2.^o dia — 3 de Outubro de 1944.
Hoshana Raba — 8 de Outubro de 1944.
Shemini Aseret — 9 de Outubro de 1944.
Simhá Torá — 10 de Outubro de 1944.
Hanuca — 1.^o dia — 11 de Dezembro de 1944.
Hanuca — 8.^o dia — 18 de Dezembro de 1944.
Purim — 27 de Fevereiro de 1945.
Pesah — 1.^o dia — 29 de Março de 1945.
Pesah — 2.^o dia — 30 de Março de 1945.
Pesah — 7.^o dia — 4 de Abril de 1945.
Pesah — 8.^o dia — 5 de Abril de 1945.
Shabuot — 1.^o dia — 18 de Maio de 1945.
Shabuot — 2.^o dia — 19 de Maio de 1945.

Jejuns em 5705

- Assassínio de Guedaliá* — 20 de Setembro de 1944.
Kipur dia de Expição — 27 de Setembro de 1944.
Cêrco ao Templo — 26 de Dezembro de 1944.
Jejum de Esther — 26 de Fevereiro de 1945.
Tomada do Templo — 28 de Junho de 1945.
Destruição do Templo — 19 de Julho de 1945.